

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E SOCIAIS EM UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

Gisela Vianna Mello¹, Jhiullya Alcântara Durand¹, Sabrina de Sousa Andrade Nunes¹, Aline Teixeira Marques Figueiredo Silva², Carolina Magalhães dos Santos² & Thaís Aparecida de Castro Palermo^{2}*

RESUMO

MELLO, G. V.; DURAND, J. A.; NUNES, S. S. A.; SILVA, A. T. M. F.; SANTOS, C. M.; PALERMO, T. A. C. Prevalência da automedicação entre estudantes de ciências da saúde e sociais em uma instituição privada de Campos dos Goytacazes. Online article formatting model for publication in **Online Perspectives: Biology & Health**, v.15, n.50, p. 22-36, 2025.

A automedicação tem se tornado um fenômeno muito presente na vida da população brasileira. Essa condição se classifica como o ato de utilizar medicamentos de qualquer classe, sem prescrições de um profissional médico ou dentista, prática que também é frequente no meio universitário. O objetivo do estudo foi identificar a prevalência da prática de automedicação entre universitários das áreas de ciências da saúde e sociais de uma instituição de ensino superior privada. A pesquisa é do tipo quantitativa e descritiva e para a realização desta, foram analisados dados transversais obtidos através de um questionário que foi entregue aos alunos dos cursos de Psicologia, Educação Física, Fisioterapia e Enfermagem nas salas de aula da instituição. Os dados foram organizados no *Excel* e posteriormente, exportados para o

Statistical Package for the Social Sciences, onde foram submetidos à análise estatística descritiva. Os resultados indicaram que 93,5% da amostra já fez uso de medicações sem instrução de um profissional da saúde e 66,2% realizou esta prática nos últimos 30 dias, sendo a maioria mulheres, solteiras, de 24 anos ou mais. Os universitários no último período letivo tiveram uma maior incidência na prática, atribuindo ao curso de enfermagem, o maior percentual de participantes que se automedicaram no período estabelecido pelo questionário (77,3%). Com isso, o estudo contribuiu para o avanço das pesquisas na área da saúde, favorecendo estudos no meio universitário, e alertando discentes, docentes e tutores sobre os impactos na saúde individual e coletiva, que podem ser vistos a partir da prática de automedicação.

Palavras-chave: Estudantes; Farmacoepidemiologia; Hábitos de Consumo de Medicamentos.

¹Acadêmicas do curso de graduação em Enfermagem/ISECENSA;

²Professoras pesquisadoras - Laboratório de Saúde Pública (LAESP)/Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA, Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil

(*) e-mail: thaissacpalermo@gmail.com

Data de recebimento: 22/07/2025 Aceito para publicação: 23/08/2025 Data de publicação: 03/09/2025

PREVALENCE OF SELF-MEDICATION AMONG HEALTH AND SOCIAL SCIENCES STUDENTS AT A PRIVATE INSTITUTION IN CAMPOS DOS GOYTACAZES

Gisela Vianna Mello¹, Jhiullya Alcântara Durand¹, Sabrina de Sousa Andrade Nunes¹, Aline Teixeira Marques Figueiredo Silva², Carolina Magalhães dos Santos² & Thaís Aparecida de Castro Palermo^{2}*

ABSTRACT

MELLO, G. V.; DURAND, J. A.; NUNES, S. S. A.; SILVA, A. T. M. F.; SANTOS, C. M.; PALERMO, T. A. C. Prevalence of self-medication among health and social sciences students at a private institution in Campos dos Goytacazes. Online article formatting model for publication in **Online Perspectives: Biology & Health**, v.15, n.50, p. 22-36, 2025.

Self-medication has become a very present phenomenon in the lives of the Brazilian population. This condition is classified as the act of using medications of any class, without prescriptions from a medical professional or dentist, a practice that is also common in universities. The objective of the study was to identify the prevalence of self-medication among university students in the areas of health and social sciences at a private higher education institution. The research is quantitative and descriptive and to carry it out, cross-sectional data obtained through a questionnaire that was delivered to students of Psychology, Physical Education, Physiotherapy and Nursing courses in the institution's classrooms were analyzed. The data were organized in Excel and later exported to the Statistical Package for the Social Sciences, where they were subjected to

Keywords: Self-medication; Students; Pharmacoepidemiology.

descriptive statistical analysis. Among the results, we can see that 93.5% of the sample (n=77) have already used medications without instruction from a health professional, and 66.2% have carried out this practice in the last 30 days, the majority being women, single, aged 24 or over. University students in the last academic period had a higher incidence in the practice, attributing to the nursing course the highest percentage of participants who self-medicated in the period established by the questionnaire (77.3%). With this, the study contributed to the advancement of research in the area of health, favoring studies in the university environment, and alerting students, teachers and tutors about the impacts on individual and collective health, which can be seen through the practice of self-medication.

¹Nursing undergraduate students/ISECENSA;

²Research professors - Public Health Laboratory (LAESP)/CENSA Higher Education Institutes – ISECENSA, Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, Brazil

(*) e-mail: thaisacpalermo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os medicamentos são substâncias farmacêuticas imprescindíveis à preservação e manutenção da saúde, produzidas tecnicamente com o propósito de prevenir, tratar, gerir, mitigar e diagnosticar patologias e seus indicadores clínicos. Dentre as maneiras de consumi-los, pode-se destacar a prática da automedicação que é definida como o uso de medicamentos por conta própria sem orientação e prescrição prévia de um médico/dentista (BRASIL, 2019; ANVISA, 2020).

A prática da automedicação é um dos principais fatores que podem contribuir para o surgimento de problemas relacionados ao uso de medicamentos, em escala global e crescente. Esse fenômeno, que vem aumentando de forma considerável, representa um desafio significativo para a saúde pública, especialmente devido a preocupações como a resistência a antibióticos, o potencial para efeitos colaterais nocivos, interações medicamentosas e a possibilidade de mascaramento de patologias ainda não identificadas (SECOLI *et al.*, 2019; BARACALDO-SANTAMARÍA *et al.*, 2022).

Mesmo mediante inúmeras repercussões negativas, está em predileção quando em relação à consulta médica, pois esta prática tem se mostrado mais acessível do que as consultas para atualização de prescrições ou até mesmo diagnóstico de patologias. Além disso, existe a facilidade e rapidez proporcionadas pelo aumento do número de farmácias, que vem favorecendo à falta de informação daqueles que fazem uso indevido de medicamentos sobre a prática (SECOLI *et al.*, 2019).

A automedicação pode levar a prejuízos significativos à saúde do indivíduo. A falta de conhecimento e informações acerca das indicações e posologias das medicações, aliada ao fácil acesso a elas, pode resultar em situações que comprometem o bem estar do indivíduo. Dentre essas situações, é importante ressaltar a dosagem e via de administração incorretas, o tempo de tratamento insuficiente/excessivo, o auto diagnóstico equivocado, o encobrimento de enfermidades graves, a ocorrência de eventos adversos, o risco de dependência, e outros (AMARAL *et al.*, 2019; JÚNIOR *et al.*, 2018; PITTA *et al.*, 2021).

Entre os universitários, essa prática também tem se tornado comum, o que suscita questionamentos sobre os fatores associados ao uso de medicamentos sem prescrição médica. Estudo realizado com graduandos do interior do Amazonas, menciona o uso de 130 medicamentos diferentes, e é possível perceber uma preferência da classe por medicamentos analgésicos, sendo escolhido por 51,8% em uma amostra com 387 alunos (LIMA *et al.*, 2022).

O uso inadequado de medicamentos é uma das principais causas de intoxicação no Brasil, sendo assim é importante que as pessoas estejam cientes dos riscos envolvidos no uso de medicamentos e sigam as orientações corretamente de acordo com a prescrição médica. Além disso, é fundamental que os profissionais de saúde estejam atentos ao processo de automedicação, para prevenir efeitos adversos e garantir a segurança dos pacientes (SINITOX, 2018).

As pesquisas sobre o consumo inadvertido de medicamentos auxiliam na identificação da necessidade de instruções específicas, com o objetivo de orientar a população sobre o uso adequado desses produtos, fomentar a formação e a educação continuada dos profissionais de saúde, promover uma prescrição mais racional e identificar grupos vulneráveis ao uso específico de medicamentos inadequados. Além disso, podem subsidiar a elaboração de políticas públicas para conter a comercialização de medicamentos desnecessários, o que pode resultar em uma redução significativa nos

gastos com saúde pública (CASTRO *et al.*, 2000).

Diante disso, a pesquisa tem como principal objetivo identificar a prevalência da prática de automedicação entre universitários das áreas de ciências da saúde e sociais de uma instituição de ensino superior (IES) privada. E com isto, caracterizar sociodemograficamente os participantes da pesquisa, descrevendo o comportamento dos universitários em relação a prática e identificando os fatores associados à prática de automedicação.

2. METODOLOGIA

Estudo quantitativo, transversal, descritivo, realizado em um Instituto de Ensino Superior privado, localizado no município de Campos dos Goytacazes, RJ. A amostra foi selecionada por meio da técnica de amostragem por conveniência. Foram incluídos os alunos devidamente matriculados em algum dos cursos das áreas de ciências da saúde e sociais da instituição de ensino superior privado de Campos dos Goytacazes que tinham cursado a disciplina Farmacologia na matriz curricular do curso, e, excluídos os que estavam cursando do segundo ao penúltimo período do curso. A coleta de dados foi realizada nos meses de setembro a dezembro de 2023.

Foi aplicado o questionário com 20 perguntas fechadas, compostas por variáveis independentes, como: demográficas (sexo e idade), socioeconômicas (estado civil, filhos, renda familiar mensal, companhia na residência), acadêmicas (curso e período), sobre medicamentos (estocagem na residência, leitura das bulas, quais os medicamentos costuma usar, se recebe indicação por terceiros e se faz indicação a terceiros) e doenças autorreferidas que os fizeram aderir à prática.

Além disso, variáveis dependentes, como a prática de automedicação, avaliada através do uso de, pelo menos, um medicamento sem prescrição médica ou de dentista, nos últimos 30 dias, de maneira dicotômica: sim ou não, e a frequência com que fez o uso de medicamentos não prescritos nos últimos 30 dias.

A análise de dados foi realizada pela técnica estatística descritiva que permitiu resumir e descrever características importantes de um conjunto de dados. Ela pode ser usada para identificar tendências, padrões e anomalias nos dados, bem como para calcular medidas estatísticas como média, mediana, moda, desvio padrão e variância.

Os dados foram organizados em um banco de dados no *Excel* e, posteriormente, exportados para o *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 28.0.1, mediante o qual foram realizadas as análises estatísticas descritivas das variáveis e organizadas as tabelas de distribuição de frequências (absoluta e relativa), por meio de gráficos ou tabelas.

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Superior de Ensino do CENSA (ISECENSA) para a apreciação ética, e somente foi iniciado após sua aprovação, CAAE:73889323.7.0000.5524. Os dados foram coletados após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), atentando os aspectos éticos da pesquisa que envolve seres humanos (Resolução 466/12–CNS).

3. RESULTADOS

Dentre os 77 participantes da pesquisa, foi observado que houve um predomínio do sexo feminino (75,3%), com uma média de idade de 22,99 anos (DP=4,69anos), solteiros (92,2%), sem filhos (92,2%), possuíam companhia na residência (90,9%) e com renda familiar de até 2 salários mínimos (31,2%). Participaram deste estudo 24 acadêmicos de fisioterapia, 22 de enfermagem, 20 de educação física e 11 de psicologia, sendo a maioria do primeiro período (57,1%), conforme a tabela 1 a seguir.

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica dos participantes do estudo, 2023.
Fonte: Autoria própria.

Variável		n	%
SEXO	Feminino	58	75,3
	Masculino	19	24,7
ESTADO CIVIL	Solteiro	71	92,2
	Casado	4	5,2
	Viúvo	2	2,6
VOCÊ TEM FILHOS?	Sim	6	7,8
	Não	71	92,2
COMPANHIA NA RESIDÊNCIA?	Sim	70	90,9
	Não	7	9,1
RENDA FAMILIAR	Até 1 salário mínimo	16	20,8
	Até 2 salários mínimos	24	31,2
	Até 3 salários mínimos	16	20,8
	Acima de 4 salários mínimos	21	27,3
CURSO	Educação Física	20	26
	Enfermagem	22	28,6
	Fisioterapia	24	31,2
	Psicologia	11	14,3
SEMESTRE	Primeiro	44	57,1
	Último	33	42,9

Em relação ao estado de saúde, 55,8% definiram como “bom” no momento da pesquisa, 76,6% achavam que os medicamentos trazem risco à saúde, e a maioria (93,5%) admitiu já ter feito uso de medicamentos sem prescrição médica. Entretanto, mais da metade (61,0%) não tinha o hábito de ler as bulas dos medicamentos e quase dois terços (64,9%) mantinham medicamentos estocados em casa. Uma parcela significativa dos entrevistados (66,2%) relatou ter feito uso de medicamentos sem prescrição médica nos últimos 30 dias.

Quanto à frequência da automedicação no período dos últimos 30 dias, 58,4% referiu de 1 a 3 vezes. A indicação da automedicação foi citada por 31,2% da amostra por já terem o medicamento em casa e por terem sido prescritos em outra situação. Cerca de 51,9% dos participantes relataram também fazer indicação de medicamentos para outras pessoas e 80,5% disseram conhecer os riscos da prática da automedicação, conforme a tabela 2 a seguir.

Tabela 2: Aspectos de saúde dos participantes do estudo, 2023. Fonte: Autoria própria.

Variável		n	%
ESTADO DE SAÚDE	Excelente	8	10,4
	Bom	43	55,8
	Regular	22	28,6
	Ruim	3	3,9
	Muito Ruim	1	1,3
VOCÊ ACHA QUE OS MEDICAMENTOS TRAZEM RISCO À SAÚDE?	Sim	59	76,6
	Não	18	23,4
VOCÊ JÁ FEZ USO DE ALGUMA MEDICAÇÃO SEM PRESCRIÇÃO MÉDICA?	Sim	72	93,5
	Não	5	6,5
VOCÊ TEM O HÁBITO DE LER BULAS?	Sim	30	39
	Não	47	61
FAZ ESTOCAGEM DE MEDICAMENTOS EM CASA?	Sim	50	64,9
	Não	27	35,1
FEZ USO DE MEDICAÇÃO SEM PRESCRIÇÃO NOS ÚLTIMOS 30 DIAS?	Sim	51	66,2
	Não	26	33,8
NO PERÍODO DOS ÚLTIMOS 30 DIAS, QUAL A FREQUÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO?	Nenhuma	20	26
	1 a 3 vezes	45	58,4
	4 a 7 vezes	10	13
	8 a 10 vezes	1	1,3
	11 ou mais	1	1,3
QUEM INDICIOU O USO DO MEDICAMENTO?	Farmacêuticos	12	15,6
	Havia o medicamento em casa e foi prescrito em outra situação	24	31,2
	Havia o medicamento em casa, mas foi comprado sem indicação médica	22	28,6
	Terceiros (amigos ou outras pessoas do convívio social indicaram o uso do medicamento)	9	11,7
	Outro	10	13
VOCÊ TAMBÉM FAZ INDICAÇÃO DE ALGUNS MEDICAMENTOS PARA OUTRAS PESSOAS?	Sim	37	48,1
	Não	40	51,9
VOCÊ CONHECE OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO?	Sim	62	80,5
	Não	15	19,5

Na tabela 3 foram apresentadas as variáveis independentes relacionadas aos aspectos sociodemográficos, aspectos de saúde e faixa etária associadas a variável dependente uso de medicação sem prescrição nos últimos 30 dias. Dos participantes que se automedicaram nos últimos 30 dias, 70,7% são mulheres, 66,2% solteiros e com filhos (66,7%), com companhia na residência (68,6%) e com renda familiar acima de 4 salários mínimos (76,2%). Cerca de 77,3% eram do curso de enfermagem e 72,7% estavam no último período.

A maioria (70,0%) estoca medicamentos em casa e se automedicou nos últimos 30 dias, 70,2% não têm o hábito de ler bulas. Ao serem questionados sobre fazer indicações de alguns medicamentos sem prescrição para outras pessoas, 73,0% afirmaram ter feito recomendação e 35,6% acham que os medicamentos trazem risco à saúde. Essas práticas foram identificadas, de forma predominante, entre os participantes com 24 anos ou mais.

Tabela 3: Aspectos sociodemográficos, de saúde e automedicação entre os participantes do estudo, 2023. Fonte: Autoria própria.

Variável			Fez uso de medicação sem prescrição nos últimos 30 dias?		Total
			Sim	Não	
				n	
SEXO	Feminino	n	41	17	58
		%	70,7	29,3	100
	Masculino	n	10	9	19
		%	52,6	47,4	100
ESTADO CIVIL	Casado	n	2	2	4
		%	50,0	50,0	100
	Solteiro	n	47	24	71
		%	66,2	33,8	100
	Viúvo	n	0	2	2
		%	0,0	100,0	100
VOCÊ TEM FILHOS?	Sim	n	4	2	6
		%	66,7	33,3	100
	Não	n	47	24	71
		%	66,2	33,8	100
COMPANHIA NA RESIDÊNCIA?	Sim	n	48	22	70
		%	68,6	31,4	100
	Não	n	3	4	7
		%	42,9	57,1	100
RENDA FAMILIAR	Até 1 salário mínimo	n	9	7	16
		%	56,2	43,8	100
	Até 2 salários mínimos	n	15	9	24
		%	62,5	37,5	100
	Até 3 salários mínimos	n	11	5	16
		%	68,8	31,2	100
	Acima de 4 salários mínimos	n	16	5	21
		%	76,2	23,8	100

CURSO	Educação Física	n	12	8	20
		%	60,0	40,0	100
	Enfermagem	n	17	5	22
		%	77,3	22,7	100
	Fisioterapia	n	16	8	24
		%	66,7	33,3	100
SEMESTRE	Psicologia	n	6	5	11
		%	54,5	45,5	100
	Primeiro	n	27	17	44
		%	61,4	38,6	100
	Último	n	24	9	33
		%	72,7	27,3	100
VOCÊ ACHA QUE OS MEDICAMENTOS TRAZEM RISCO À SAÚDE?	Sim	n	38	21	59
		%	35,6	64,4	100
	Não	n	13	5	18
		%	27,8	72,2	100
	Sim	n	18	12	30
		%	40,0	60,0	100
VOCÊ TEM HÁBITO DE LER BULAS?	Não	n	33	14	47
		%	70,2	29,8	100
	Sim	n	35	15	50
		%	70,0	30,0	100
	Não	n	16	11	27
		%	59,3	40,7	100
VOCÊ TAMBÉM FAZ INDICAÇÃO DE ALGUNS MEDICAMENTOS PARA OUTRAS PESSOAS?	Sim	n	27	10	37
		%	73,0	27,0	100
	Não	n	24	16	40
		%	60,0	40,0	100
	18 a 20	n	13	11	24
		%	54,2	45,8	100
FAIXA ETÁRIA	21 a 23	n	20	9	29
		%	69,0	31,0	100
	24 ou mais	n	18	6	24
		%	75,0	25,0	100

Dentre as causas da automedicação, apresentadas no gráfico 1 a seguir, destaca-se a dor de cabeça, apontada como causa por 87% dos participantes. O segundo maior motivo relatado foi a gripe/resfriado que atingiu um percentual de 67,5%. Além disso, dor de garganta e febre, foram citadas por 57,1% da amostra. Dentre os acadêmicos, 55,8% relataram ter se automedicado por cólicas menstruais/abdominais. Também foram apontados como causas: náusea/vômito (45,5%), processos alérgicos (45,5%), dores musculares (44,2%), queimação no estômago (31,2%), diarreia (23,4%), constipação (22,1%) e dor no ouvido (16,9%).

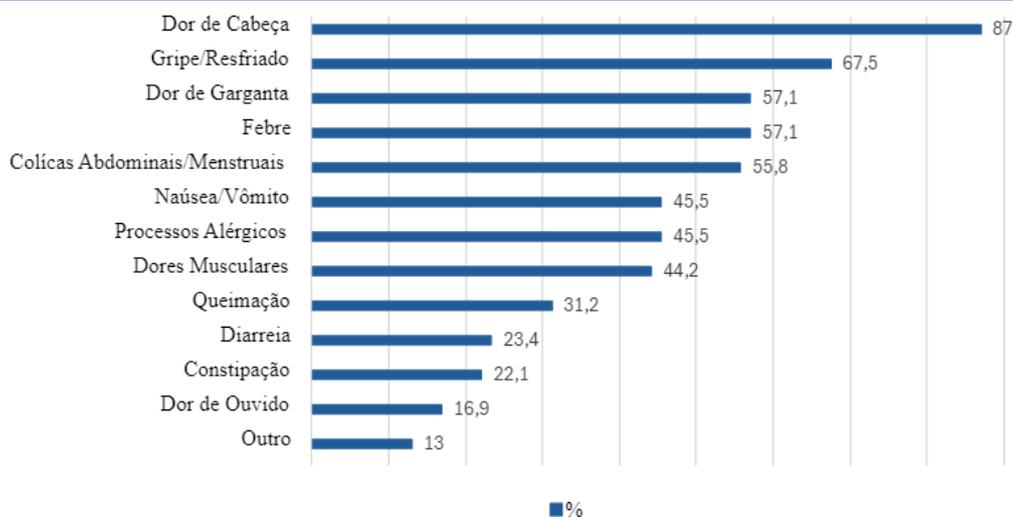
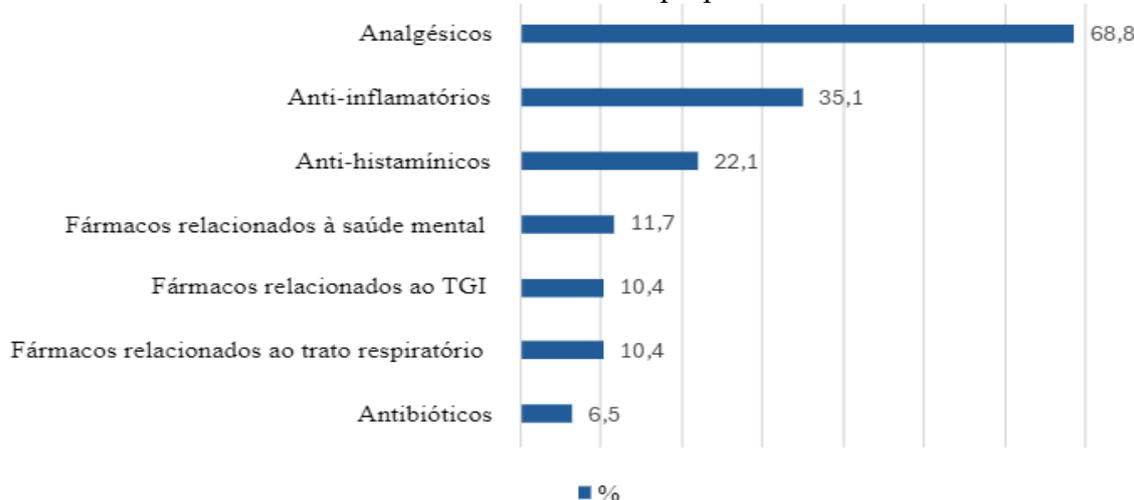


Gráfico 1: Causas da automedicação entre os participantes do estudo, 2023. Fonte: Autoria própria.

Os medicamentos mais consumidos entre os participantes foram os analgésicos (68,8%), seguido dos anti-inflamatórios (35,1%), anti-histamínicos (22,1%), fármacos relacionados à saúde mental, como ansiolíticos e antidepressivos (11,7%), fármacos relacionados ao trato gastrointestinal, como antieméticos, anti diarreicos e antiácidos (10,4%), fármacos relacionados ao trato respiratório, como antivirais e expectorantes (10,4%) além de antibióticos (6,5%) (Gráfico 2).

Gráfico 2: Medicamentos mais consumidos entre os participantes do estudo, 2023. Fonte: Autoria própria.



4. DISCUSSÃO

Estudo realizado por Da Silva *et al.* (2023), evidenciou o predomínio de acadêmicos de enfermagem, do sexo feminino e com média de idade de 22,28 anos, já no estudo de De Sena *et al.* (2023), a maioria era solteiro e do ciclo básico, que inclui do primeiro ao quarto período, do curso, corroborando com os dados encontrados neste estudo. Estudos realizados por Ramos *et al.* (2023), De Sena *et al.* (2023) e Willmann *et*

al. (2023), evidenciam predomínio do sexo feminino, sendo no estudo realizado por Ramos *et al.* (2023), 86% solteiros e no de Willmann *et al.* (2023) 36% eram do último período.

Quando questionados sobre automedicação sem prescrição médica, o resultado foi semelhante ao encontrado por Willmann *et al.* (2023), no qual 92,8% relataram fazer uso de automedicação sem prescrição médica. Entretanto, de acordo com Ramos *et al.* (2023), 62,8% dos entrevistados relataram conhecer os riscos dessa prática, corroborando com o presente estudo.

Esperava-se que o conhecimento que os estudantes da área da saúde possuem sobre os medicamentos pudesse diminuir os índices de consumo de fármacos, entretanto, estudos mostraram o oposto, uma vez que esse conhecimento foi apontado como um dos principais impulsionadores para a automedicação. Salienta-se ainda que outro fator motivador para essa prática é a posse de prescrições médicas antigas (CARNEIRO *et al.*, 2019; BOHOMOL e ANDRADE, 2020a; PRÍNCIPE *et al.*, 2020; DE ARAÚJO JÚNIOR *et al.*, 2021).

No estudo conduzido por Bohomol e Andrade (2020b) no Paraná, foi observado que 64,54% dos participantes relataram ler as bulas dos medicamentos, o que diverge dos resultados do presente estudo, onde uma parcela significativa não demonstrou o hábito de fazê-lo. Em relação à estocagem de medicamentos, conforme mencionado na pesquisa realizada na Universidade de Maringá por Oliveira *et al.* (2019), 51,12% dos entrevistados indicaram que sempre procuram ter em casa os remédios utilizados e 84,34% tem conhecimento dos possíveis efeitos adversos, corroborando com os resultados encontrados no presente estudo.

Os dados obtidos no atual estudo corroboram com uma pesquisa realizada em Minas Gerais que identificou que as mulheres se automedicam 6,07 vezes mais que os homens. A prevalência do sexo feminino no consumo de medicamentos pode ser explicada pelo fato de as mulheres, em geral, apresentarem um comportamento mais proativo em relação à sua saúde, elas tendem a demonstrar maior preocupação e cuidado com o bem-estar físico e emocional, buscando com mais frequência armazenar e fazer uso de mais medicamentos (WILLMANN *et al.*, 2023; PRÍNCIPE, *et al.*, 2020; GELAYEE, 2017).

No interior do Amazonas foi detectado que 82,3%, dos estudantes que se automedicaram nos últimos 30 dias, eram solteiros e 85,5% possuíam renda familiar mensal acima de 4 salários mínimos, no entanto, 88,5% não tinham companhia na residência, diferenciando-se do presente estudo, que alcançou um percentual de 68,6% para os indivíduos que possuíam companhia na residência. De acordo com estudo realizado com estudantes universitários do Brasil durante a pandemia da Covid-19, houve o predomínio de estudantes entre 20 a 24 anos, o que também diverge da atual pesquisa, que a maioria foi identificada com 24 anos ou mais. Segundo Cecilio *et al.* (2024) e Da Silva *et al.* (2023), 90% dos graduandos eram do curso de enfermagem e os alunos dos últimos anos do curso apresentaram maior frequência da prática, assim como os achados na presente pesquisa (WILLMANN *et al.*, 2023; LIMA *et al.*, 2022; DIAS *et al.*, 2024).

De acordo com Shitindi *et al.* (2024) e Cecilio *et al.* (2024b), que relacionam a prática com a ideia de capacidade para se automedicar, é possível associar o número de automedicação e indicações para outros indivíduos obtido na presente pesquisa, devido ao fato dos estudantes terem alto conhecimento sobre a fisiologia humana, o que faz com que se sintam seguros ao determinar o fármaco que irão utilizar diante de alguma patologia.

Segundo Cecilio *et al.*, 88,0% da amostra alegou indicar a prática

indiscriminadamente e 77,5% já utilizou medicações sugeridas por outras pessoas, o que confirma os dados obtidos sobre a difusão da indicação de medicamentos a terceiros, sendo uma porcentagem muito alta. No estudo realizado por Shitindi *et al.*, 40,6% recorreu a automedicação com prescrições anteriores e 59,4% fez uso por experiência própria, o que sugere a estocagem de medicamentos feita pelos indivíduos.

Ao serem questionados sobre acharem que as medicações trazem riscos à saúde, em sua maioria, os participantes deste estudo que não fizeram uso de medicações sem prescrição nos últimos 30 dias, afirmaram que não existem riscos. Esse resultado diverge do encontrado no estudo de Malli *et al.* (2023), no qual 50,1% dos estudantes declaram que a automedicação não é uma prática segura. Essa divergência de dados pode se justificar pela falta de conhecimento relacionado aos fármacos, já que dois terços da amostra não têm o hábito de ler bulas, desconhecendo assim os efeitos colaterais das medicações.

Assim como no estudo de Ramos *et al.* (2023), De Sena *et al.* (2023), Tesfaye *et al.* (2020), Alshogran *et al.* (2018), a cefaleia foi o maior motivo para os graduandos se automedicarem, sendo a primeira maior causa para automedicação (AM). Entre os estudos citados, o mesmo sintoma se manifesta como principal etiologia da automedicação em diferentes regiões, como Brasil, Jordânia e Etiópia. Entretanto, em uma pesquisa realizada na Sérvia por Tomas Petrovic *et al.* (2022), 79,2% da amostra utilizou-se da prática por sintomas de gripe/resfriado e febre, tornando-se na localidade da pesquisa, a suma razão para recorrerem a utilização inadequada de medicamentos.

Já no presente estudo, estes sintomas representam a segunda e quarta maior causa para AM, respectivamente. Ambos os estudos foram realizados em período pós-pandêmico, trazendo o pressuposto de que a divergência de dados se dá ao fato do estudo de Petrovic *et al.* (2022) ter sido realizado em um período de tempo superior (12 meses) ao do presente estudo, agregando o período de inverno na coleta de dados, onde sintomas gripais são mais vistos se comparado a outras épocas do ano.

Em relação a dor de garganta, ela é a terceira maior prevalência entre as causas citadas pelos discentes, corroborando com os resultados de Yasmin *et al.* (2022), onde 46,6% dos participantes da pesquisa citaram tal sintoma. E a última causa que, assim como as outras, afetou mais de metade da amostra, foram as cólicas abdominais/menstruais, tendo um resultado próximo a todos os estudos mencionados, menos ao de Ramos *et al.* (2023) pois este não apresenta dados sobre o sintoma supracitados.

Quanto aos medicamentos mais consumidos entre os participantes, assim como uma pesquisa feita com estudantes de medicina de Belo Horizonte por De Sena *et al.* (2023), os três principais medicamentos citados foram, respectivamente, analgésicos, anti-inflamatórios e anti-histamínicos, cujo os dados obtidos no estudo são de 91,5% para analgésicos, 76,1% anti-inflamatórios e 65,3% anti-histamínicos. De acordo com o estudo feito por Ramos *et al.* (2023), em décimo primeiro lugar, com 13%, ficaram os antidepressivos/ansiolíticos, já no presente estudo, o relato de automedicação com a classe de fármacos relacionados à saúde mental foi mais prevalente.

A hipótese é de que a alta prevalência do consumo de analgésicos pode estar associada ao constante estresse ao qual os universitários são submetidos, como mencionado por Yuhuan *et al.* (2022). Com a sobrecarga de atividades acadêmicas, substâncias como cortisol e adrenalina são liberadas em grande escala no organismo, resultando em um grande desgaste físico e emocional, o que conseqüentemente aumenta os sintomas que levam a usufruir dessa classe medicamentosa de maneira infrene. Além

disso, estudo realizado por Melo *et al.* (2021) em duas instituições de ensino superior públicas no curso de enfermagem, foi identificado elevados sintomas de depressão e ansiedade nos participantes da pesquisa, esses resultados refletem o comprometimento na saúde, como um todo, dos alunos e a tendência a buscar a automedicação como solução.

Em relação aos anti-inflamatórios e anti-histamínicos, o acometimento por gripe/resfriado e a dor de garganta tiveram prevalência significativa nos resultados. O que pode estar associado ao momento pós pandemia de COVID-19 em que a pesquisa foi executada, tal qual os estudos de Ramos *et al.* (2023) e de Sena *et al.* (2023).

Este estudo contribuiu para o avanço das pesquisas na área da saúde, favorecendo estudos no meio universitário, despertando o interesse de outros pesquisadores em expandir o campo de pesquisa a outras IES. Alertando assim discentes, docentes e tutores sobre os impactos na saúde individual e coletiva, que podem ser vistos a partir da prática de automedicação, pois os resultados abrem portas para implementação de medidas educativas sobre o uso irracional dos medicamentos por discentes do ensino superior, independentemente da área de formação.

5. CONCLUSÕES

Neste estudo, observou-se o predomínio da automedicação nos últimos 30 dias entre os alunos do curso de enfermagem. As mulheres são mais prevalentes quanto ao uso de medicamentos sem prescrição de um profissional de saúde. Culturalmente, as mulheres têm uma tendência maior a cuidar da saúde do que os homens, o que implica no uso exagerado de medicações sem aconselhamento médico.

A classe medicamentosa mais utilizada, por todos os cursos, foram os analgésicos, sendo a dor de cabeça o fator mais associado a esse dado, aspecto o qual pode se relacionar com a trajetória de obter um diploma universitário podendo ser marcada por uma sensação constante de tensão, pressão e desgaste, uma vez que os estudantes se deparam com uma série de exigências acadêmicas, desencadeando um estresse que torna os alunos mais tendenciosos a recorrer aos analgésicos.

Outro ponto a se evidenciar é o fato da maior parte dos estudantes que, utilizaram medicamentos indevidamente, eram do último período, momento em que os níveis de tensão e ansiedade, para conseguir completar a graduação, se multiplicam entre os alunos, deixando-os mais propensos a fazer o uso de automedicação. Condição a qual pode estar relacionada com a alta indicação de medicamentos a terceiros, já que os acadêmicos compartilham suas experiências pessoais entre si. E também com o aumento da segurança para escolha da medicação a ser utilizada, propiciado pelo decorrer das disciplinas do curso, levando o estudante a ter confiança para se autodiagnosticar e automedicar.

Todas as informações explicitadas geram impactos diretos na saúde pública, pois o conhecimento sobre farmacologia associado ao acesso indiscriminado a medicamentos, faz com que casos de baixa complexidade se tornem mais graves devido ao mascaramento dos sintomas, causado pela automedicação. Com isto, é indispensável a necessidade de sensibilizar os estudantes da área da saúde e ciências sociais sobre os efeitos adversos dos medicamentos. Dentre as ações de conscientização, vale ressaltar a importância do hábito de ler bulas, visando assim, protegê-los individualmente e também sua coletividade.

REFERÊNCIAS

ALSHOGRAN, O. Y.; ALZOUBI, K. H.; KHABOUR, O. F.; FARAH, S. Patterns of self-medication among medical and nonmedical University students in Jordan. **Risk management and healthcare policy**, v. 11, p. 169–176, 2018. DOI 10.2147/RMHP.S170181.

AMARAL, O. *et al.* Automedicação na comunidade: um problema de saúde pública. **International Journal of Developmental and Educational Psychology Revista INFAD de psicología**, v. 4, n. 1, p. 423, 2019.

ANVISA, Agência Nacional De Vigilância Sanitária. **Uso racional de medicamentos: um alerta à população - cosmetovigilância** - . 2020.

BARACALDO-SANTAMARÍA, D., *et al.* **Definição de automedicação: uma revisão de escopo**. 2022.

BOHOMOL, E.; ANDRADE, C. M. Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior. **Ciência Cuidado e Saúde**, v. 19, p. e48001–e48001, 2020. DOI 10.4025/ciencuidsaude.v19i0.48001.

BRASIL. Resolução da Diretoria Colegiada - **RDC Nº 301/2019**. Brasília, 2019.

CARNEIRO, A. F.; CAVALCANTE NETO, P. G.; FERREIRA, J. F. I. S.; GARCIA, B. F.; SILVA, F. D. A. C.; LEAL, P. R. L. A prevalência de cefaleia e fatores psicossociais associados em estudantes de medicina no Ceará. **Revista de Medicina**, v. 98, n. 3, p. 168–179, 2019. DOI 10.11606/issn.1679-9836.v98i3p168-179.

CASTRO, L. L. C. DE *et al.* Algumas características da prática da automedicação em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Rev. ciênc. farm**, p. 81–101, 2000.

CECILIO, S. G.; VARGAS, M. E. C.; SILVEIRA, A. P. V.; CECILIO, S. G.; COELHO, J. C. de O.; SILVA, D. R. G.; TARANTO, M. F. da R.; RESENDE, T. R. O. Impacto da Covid-19 na prática de automedicação em estudantes universitários. **Trabalho Educação e Saúde**, v. 22, p. e02368235, 2024. DOI 10.1590/1981-7746-ojs2368.

DA SILVA, J. B.; LIMA, C. T. A.; PIMENTEL, S. M.; DA SILVEIRA, R. C.; SANTOS, L. F.; HIPÓLITO, U. V.; WELTER, Á. Panorama sobre a automedicação de graduandos de Enfermagem: um estudo transversal. **AMAZÔNIA: SCIENCE & HEALTH**, v. 11, n. 2, p. 52–64, 2023. DOI 10.18606/2318-1419/amazonia.sci.health.v11n2p52-64.

DE ARAÚJO JÚNIOR, A. G.; DA SILVA CAETANO, V.; PORTELA, I. J. Z.; BEZERRA, J. P.; FERRAZ, M. Â. A.; FALCÃO, C. A. M. Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira. **Arquivos em Odontologia**, p. 26–35, 2021. DOI 10.7308/AODONTOL/2021.57. E04.

DE SENA, K. L.; DE FREITAS, A. P. G.; RODRIGUES, F. G.; ROCHA, L. L. V. AUTOMEDICAÇÃO E AUTOPERCEPÇÃO DE SAÚDE ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA EM UMA FACULDADE PRIVADA EM BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS. **REVISTA INTERDISCIPLINAR CIÊNCIAS MÉDICAS**, v. 7, n. 2, p. 117–126, 2023.

DIAS, N. L. C.; SANTOS, B. G.; REZENDE, M. E. P.; DANIELLE DE OLIVEIRA PEREIRA, L.; VILGES DE OLIVEIRA, S.; HATTORI, W. T. Análise epidemiológica da automedicação do kit-COVID por estudantes universitários, durante a pandemia da COVID-19, no Brasil. **Saúde e meio ambiente revista interdisciplinar**, v. 13, p. 16–30, 2024. DOI 10.24302/sma.v13.5003.

GELAYEE, D. A. Self-medication pattern among social science university students in Northwest Ethiopia. **Journal of pharmaceutics**, v. 2017, p. 8680714, 2017. DOI 10.1155/2017/8680714.

JÚNIOR, J. G.; SEDS DANTAS, G. D.; LIMA, A. D. EL Influência da publicidade na automedicação na população de um município brasileiro de médio porte. **J. Health Biol. ciência**, v. 6, p. 152–155, 2018.

LIMA, P. A. V.; COSTA, R. D.; SILVA, M. P. da; SOUZA, Z. A. de, Filho; SOUZA, L. P. S. e.; FERNANDES, T. G.; GAMA, A. S. M. Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, p., 2022. DOI 10.37689/acta-ape/2022ao000134.

MALLI, I. A.; HUBAYNI, R. A.; MARIE, A. M.; ALZHRANI, D. Y.; KHSHWRY, E. I.; ALDAHHAS, R. A.; KHAN, R. F.; ZAIDI, S. F. The prevalence of self-medication and its associated factors among college students: Cross-sectional study from Saudi Arabia. **Preventive medicine reports**, v. 36, n. 102457, p. 102457, 2023. DOI 10.1016/j.pmedr.2023.102457.

MELO, H. E. de; SEVERIAN, P. F. G.; EID, L. P.; SOUZA, M. R. de; SEQUEIRA, C. A. da C.; SOUZA, M. da G. G.; POMPEO, D. A. Impacto dos sintomas de ansiedade e depressão na autoeficácia percebida em estudantes de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 34, p. eAPE01113, 2021. DOI 10.37689/acta-ape/2021ao01113.

OLIVEIRA, B. M. C.; NAKAMURA, E. A. S.; BETIATI, V.; NISHIDA, F. S. **AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**. [S. l.]: UNIVERSIDADE CESUMAR, 2019.

PITTA, M. G. DA R. *et al.* Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. e28101119296, 2021.

PRÍNCIPE, F.; OLIVEIRA, A.; SILVA, C.; SILVA, D.; SILVA, D.; SILVA, T. Automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde. **Revista de Investigação & Inovação em Saúde**, v. 3, n. 2, p. 21–28, 2020. DOI 10.37914/riis.v3i2.82.

RAMOS, N. R.; AMORIM FILHO, M. A.; BARRETO, T. V. R.; PEIXOTO, V. C. dos S.; AZEVEDO, F. L. A. de; TOURINHO, L. de O. S. Análise da automedicação entre os estudantes de medicina de uma faculdade privada do Sul da Bahia. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 8, p. e13719, 2023. DOI 10.25248/reas.e13719.2023.

SECOLI, S. R. *et al.* Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. 2019. **Revista brasileira de epidemiologia** [Brazilian journal of epidemiology], v. 21Suppl 02, n. Suppl 02, p. e180007, 2019.

SHITINDI, L.; ISSA, O.; POYONGO, B. P.; HORUMPENDE, P. G.; KAGASHE, G. A.; SANGEDA, R. Z. Comparison of knowledge, attitude, practice and predictors of self-medication with antibiotics among medical and non-medical students in Tanzania. **Frontiers in pharmacology**, v. 14, p. 1301561, 2023. DOI 10.3389/fphar.2023.1301561.

SINITOX. Fundação Oswaldo Cruz. 2018. **Clipping Internet - Novembro 2018 - automedicação.**

TESFAYE, Z. T.; ERGENA, A. E.; YIMER, B. T. Self-medication among medical and nonmedical students at the University of Gondar, Northwest Ethiopia: A cross-sectional study. **Scientifica**, v. 2020, p. 4021586, 2020. DOI 10.1155/2020/4021586.

WILLMANN, S. C.; SOUZA, D. R. de; LEAL, J. C.; RODRIGUES, L. S.; PINHEIRO, P. L. L.; LINO, R. M.; SILVA, T. C. Automedicação entre universitários da área de saúde. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 6, p. e1312641814, 2023. DOI 10.33448/rsd-v12i6.41814.

YASMIN, F.; ASGHAR, M. S.; NAEEM, U.; NAJEEB, H.; NAUMAN, H.; AHSAN, M. N.; KHATTAK, A. K. Self-medication practices in medical students during the COVID-19 pandemic: A cross-sectional analysis. **Frontiers in public health**, v. 10, p. 803937, 2022. DOI 10.3389/fpubh.2022.803937.

YUHUAN, Z.; PENGYUE, Z.; DONG, C.; QICHAO, N.; DONG, P.; ANQI, S.; HONGBO, J.; ZHIXIN, D. The association between academic stress, social support, and self-regulatory fatigue among nursing students: a cross-sectional study based on a structural equation modelling approach. **BMC medical education**, v. 22, n. 1, 2022. DOI 10.1186/s12909-022-03829-2.